

**Mãe Menininha do Gantois:
ialorixás, assentamentos e a
geografia do sagrado no
candomblé da Bahia¹**

**Mãe Menininha do Gantois:
ialorixás, settlements, and the
sacred geography of
Candomblé in Bahia**

Diego Jesus *



Imperatriz (MA), v. 7, 0725291, jan./dez. 2025.
ISSN 2675-0805

Recebido em: 14 de abril de 2025
Aprovado em: 17 de setembro de 2025

O senhor quer que eu diga por que me chamam Menininha? É um segredo, mas vou revelar. Minha mãe apareceu de neném, mas com vergonha da minha tia, pois não queria que a minha tia soubesse que ela estava de neném. Isso minha tia me contou e minha mãe também. Ela disse: "Bom, essa menina, quando nascer, eu vou enrolar nuns panos velhos e vou entregar ao pai dela, que eu não vou criar filho sem pai". Acontece que minha tia Pulquéria sonhou com uma menina, que pegava junto dela e dizia: "Minha tia!". E minha tia respondia: "Quem é você?". "Eu sou sua sobrinha e sua afilhada". Ela, então, perguntava: "Filha de quem?". "De Pequena, sou a filha dela que vai nascer". Minha mãe chamava-se Pequena. Minha tia perguntou novamente "Quem é você?", no que a menina respondeu: "Eu sou Menininha". É o motivo de todo mundo me chamar de Menininha.

Mãe Menininha do Gantois, 1972

Resumo

A entrevista inédita concedida por Mãe Menininha do Gantois, em 1972, por ocasião de seus 50 anos como ialorixá no Terreiro do Gantois, ganha agora sua primeira publicação, revelando um registro valioso da memória e da tradição do candomblé. Fiquei encarregado de analisar os materiais em 2022 no *LILLAS Benson Rare Archive* da Universidade do Texas em Austin, durante meu trabalho como processador de arquivos na *Benson Special Collections*. O arquivo fazia parte do acervo não processado de Gerard Béhague, etnomusicólogo e ex-

¹ A entrevista de Mãe Menininha do Gantois, publicada neste trabalho, foi conduzida por Gerard Béhague em 1972 e encontrada em junho de 2022 no LILLAS Benson Rare Archive, onde permanecia sem catalogação. Registrada em reel to reel audio tape, no arquivo público da Universidade do Texas, Austin, fazia parte do material não processado do arquivo de Béhague, etnomusicólogo e ex-professor da referida universidade.

* Diego Jesus é doutorando no Departamento de Espanhol e Português da Universidade do Texas em Austin (Estados Unidos), na área de Línguas e Literaturas Ibéricas e Latino-Americanas. E-mail: diegojesus@utexas.edu ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-6186-8050>

professor da universidade, responsável pela entrevista. A gravação, originalmente armazenada em *reel-to-reel audio tape*, nunca havia sido publicada e apresentava falhas que dificultavam a identificação de alguns participantes. Para viabilizar sua publicação, foi realizada uma edição criteriosa, garantindo fluidez e precisão nas informações, especialmente na transcrição de termos iorubás e nomes de pessoas. A entrevista de Mãe Menininha do Gantois documenta sua trajetória, a genealogia das ialorixás do Gantois, a centralidade das mulheres negras na preservação das tradições do candomblé e a geografia do sagrado que é formada pelos terreiros de candomblé na cidade de Salvador. Seu relato constrói uma "cartografia afetiva" de Salvador entre os séculos XIX e XX, resgatando memórias e saberes que antecedem e sustentam as dinâmicas sociais atuais. Essas cartografias reconstituem narrativas a partir das experiências de quem sempre habitou e transformou esses espaços, reafirmando a ancestralidade como eixo estruturante e a centralidade dos territórios negros na história da cidade. As formas de viver e ser negras e indígenas revelam uma "anterioridade" que precede a colonização europeia, manifestando-se não como um passado fixo, mas como uma continuidade viva que reconfigura o presente e projeta futuros ancorados nos saberes ancestrais.

Palavras-chave: Mãe Menininha do Gantois. Candomblé. Ialorixá. Cartografia afetiva. Ancestralidade negra.

Abstract

The previously unpublished interview with Mãe Menininha do Gantois, conducted in 1972 to mark her 50th anniversary as an ialorixá at Terreiro do Gantois, is now being published for the first time, offering a valuable record of Candomblé's memory and tradition. In 2022, I was entrusted with analyzing these materials at the LLILAS Benson Rare Archive at the University of Texas at Austin while working as an archival processor at the Benson Special Collections. The recording was part of the unprocessed collection of Gerard Béhague, an ethnomusicologist and former professor at the university, who conducted the interview. Originally stored on reel-to-reel audio tape, the recording had never been published and contained distortions that made it difficult to identify some participants. To enable its publication, a careful editing process was undertaken to ensure clarity and accuracy, particularly in the transcription of Yoruba terms and personal names. Mãe Menininha do Gantois's interview captures her journey, the lineage of the ialorixás of Gantois, the pivotal role of Black women in preserving Candomblé traditions, and the sacred geography shaped by Candomblé terreiros in Salvador. Her account maps an "affective cartography" of Salvador between the 19th and 20th centuries, recovering memories and knowledge that precede and continue to shape contemporary social dynamics. These cartographies reconstruct narratives from the perspectives of those who have long inhabited and transformed these spaces, reaffirming ancestry as a foundational structure and highlighting the centrality of Black territories in the city's history. The ways of living and being of Black and Indigenous people reveal an "anteriority" that predates European colonization, manifesting not as a distant past, but as a living continuity that reconfigures the present and envisions futures rooted in ancestral knowledge.

Keywords: Mãe Menininha do Gantois. Candomblé. Ialorixá. Affective cartography. Black ancestry.

Introdução

Mãe Menininha do Gantois² foi a líder espiritual do Ilê Iyá Omi Axé Iyamassê, mais conhecido como Terreiro do Gantois³, um dos mais importantes espaços religiosos do candomblé na Bahia. Em uma entrevista concedida em 1972, durante a celebração de seus 50 anos como ialorixá, ela compartilhou memórias sobre a formação do Terreiro do Gantois e a genealogia das mulheres que o antecederam. Essa entrevista, que tem cerca de uma hora e meia de duração, contou com a presença de familiares e de figuras importantes do meio cultural, como o escritor Jorge Amado, o fotógrafo e etnógrafo Pierre Verger, o artista plástico Carybé e a escritora Zélia Gattai.

O projeto de publicação da entrevista inédita começou a partir do trabalho que desenvolvi como *Benson Special Collections Manuscript Processor* durante os verões de 2022 e 2023 na *Benson Latin American Collection Rare Books and Manuscripts*. Em junho de 2022, enquanto trabalhava na coleção, encontrei a gravação no arquivo não processado da *LILLAS Benson Rare Archive*, onde permanecia armazenada sem catalogação. A entrevista, registrada originalmente em *reel-to-reel audio tape*, fazia parte do material não processado do arquivo de Gerard Béhague, renomado etnomusicólogo e ex-professor da Universidade do Texas em Austin, que conduziu a entrevista com Mãe Menininha do Gantois em 1972.

Encontrei a gravação com a descrição "Entrevista Menininha, 50 Anos de Mãe de Santo" escrita à mão na etiqueta da fita magnética. Desde sua gravação, ela nunca foi publicada nem amplamente acessada, permanecendo oculta. Esse achado revelou um registro raro e valioso da voz de Mãe Menininha do Gantois, permitindo agora sua disseminação e análise dentro dos estudos afro-diaspóricos, religiosos e históricos.

Dei-me a liberdade de editar a entrevista, disponibilizando uma versão mais curta e adequada para publicação, considerando as limitações de tamanho do texto. Além disso, revisei e corriji informações que haviam sido perdidas ou estavam imprecisas na transcrição original, solicitada após a digitalização da entrevista e realizada por profissional da área contratado pela biblioteca. Algumas palavras e nomes específicos em iorubá⁴ estavam incorretos, e certos nomes de pessoas foram confundidos ou era impossível identificar devido ao estado da gravação, que apresenta falhas em alguns trechos. As edições são mínimas e

² Mãe Menininha do Gantois, [Maria Escolástica da Conceição Nazaré] (1894–1986), foi uma das mais importantes ialorixás do Brasil e líder do Terreiro do Gantois, em Salvador. Reconhecida por sua sabedoria e diplomacia, tornou-se ialorixá aos 28 anos e desempenhou um papel central na valorização do candomblé, fortalecendo os terreiros e a resistência das comunidades afro-brasileiras diante da repressão religiosa e racial.

³ O Terreiro do Gantois, ou Ilê Iyá Omi Axé Iyamassê, é um dos mais tradicionais terreiros de candomblé do Brasil. Fundado no século XIX em Salvador, tem raízes na tradição nagô-ketu e uma forte linhagem matriarcal. Sob a liderança de Mãe Menininha do Gantois (1894-1986), ganhou destaque nacional, fortalecendo a visibilidade do candomblé. Hoje, continua sendo um espaço de resistência, ancestralidade e preservação cultural.

⁴ A língua iorubá, originária da África Ocidental, é essencial no candomblé, presente em cânticos, rituais e nomes sagrados. Ela preserva a ancestralidade e reforça a conexão com os orixás.

tiveram como objetivo tornar a leitura mais fluida e fiel ao conteúdo original. Algumas das pessoas presentes na entrevista não foram identificadas nominalmente; por isso, quando fazem comentários ou perguntas à Mãe Menininha do Gantois, aparecem indicadas como "Falante", seguido de um número correspondente à sua ordem de aparição.

Realizada no próprio Terreiro do Gantois poucas horas antes do início das festividades pelo aniversário de 50 anos de Mãe Menininha como ialorixá, a entrevista é um registro sobre uma das mais importantes lideranças religiosas da história do país. Ao acessar suas memórias sobre diferentes ialorixás para compor a sua trajetória pessoal, ela narra sua experiência como ialorixá e reinscreve sua importância na geografia religiosa da cidade de Salvador.

O legado de Mãe Menininha vai além do âmbito religioso. As relações familiares que estruturam as linhagens de ialorixás no candomblé também refletem a cidade de Salvador como um espaço construído pela presença negra em contexto escravocrata e pós-abolicionista. Seu testemunho é um exemplo da continuidade das tradições ancestrais em meio às perseguições históricas ao candomblé e da resistência das comunidades negras em seus territórios. A ancestralidade recuperada na oralidade de Mãe Menininha cartografa afetiva e materialmente espaços da cidade de Salvador ocupados por terreiros de candomblé pioneiros no Brasil, como é o caso da região da Barroquinha e do Engenho Velho, o que define uma dimensão patrimonial que implica territorialização no desenvolvimento dos terreiros (Sodré, 1988). As ascendências e descendências não são definidas apenas por um grupo patrimonial chamado família, mas por uma "ampla ancestralidade que não se define apenas biologicamente, como também política, mítica, ideologicamente", pois "patrimônio é algo que remete à coletividade e ao anti-individualismo" (Id., p. 69).

Segundo Jurema Werneck (2007), as formas de viver e ser tradicionais negras e indígenas forjam uma outra perspectiva de "anterioridade", ou seja, o conhecimento de uma história que não foi fundada pelos europeus, apesar de mais tarde ser profundamente influenciada por eles. Depoimentos de ialorixás como Mãe Menininha do Gantois, à luz das reflexões de Werneck sobre a representatividade das mulheres negras nesses contextos, nos oferecem outras possibilidades interpretativas que permitem múltiplas abordagens para recontar a História.

A liderança das mulheres negras no Brasil tem raízes em uma África "mítica e imaginada" (Id.), manifestando-se em diversas formas de organização e ação política. Werneck ressalta que as mulheres ocuparam espaços de poder como conciliadoras, organizadoras de festivais e líderes em sociedades femininas, tanto religiosas quanto seculares, garantindo a continuidade da presença política feminina mesmo sob o domínio patriarcal europeu. As ialorixás e as ialodês exemplificam essa liderança. *Ialodê* é uma adaptação brasileira do termo iorubá *Ìyálóòde* (Verger, 1997) e está relacionado à orixá Oxum, divindade do gênero feminino que representa as águas doces dos rios e que tem origem na Nigéria. No Brasil, o termo iorubá

passou a designar mulheres emblemáticas que lideram ações políticas urbanas, representando e defendendo coletivamente os interesses femininos nos espaços de poder (Werneck, 2007).

As ialodês atuam como mediadoras e representantes políticas, organizando e articulando ações que fortalecem os interesses e anseios da coletividade. As ialorixás, além de conduzirem os terreiros de candomblé, exercem uma liderança ancestral, definida pelas divindades que as escolhem, protegendo, orientando e fortalecendo suas comunidades. Ambas desafiam estruturas patriarcais e coloniais, preservando saberes ancestrais e promovendo a resistência e a autonomia das mulheres negras. Elas desempenham um papel fundamental na condução de comunidades e na articulação de redes de apoio antirracistas, de resistência negra e de organização coletiva, cujo legado continua a orientar a atuação política das mulheres negras em contextos pós-escravistas, reforçando sua importância na construção de novas formas de poder e pertencimento (Id.).

Ao descrever o contexto de perseguição policial e de perseguições históricas ao candomblé e ao Terreiro do Gantois, especificamente, Mãe Menininha expõe como as comunidades negras resistiram e produziram uma caracterização ideológica característica do conceito de quilombo no século XX, criando redes de solidariedade e preservação cultural. Ao longo daquele século, assim como o espaço do quilombo, além de resistência à escravidão, o terreiro de candomblé alimentou com sua mística "os anseios de liberdade da consciência nacional" (Nascimento, 1985, p. 163). Segundo Muniz Sodré (1988), o terreiro engendra a forma social negro-brasileira por excelência por sua diversidade existencial e cultural, assim como pela construção de um lugar originário de potência social para aqueles que experimentam a cidadania em condições vulnerabilizadas. Geografica e simbolicamente, o terreiro desafia a "territorialidade colonial", tornando-se o patrimônio simbólico — aqui entendido como uma das formas possíveis de território — do negro brasileiro e de sua memória cultural da África, sendo compreendido, a partir da primeira metade do século XIX, como o espaço da comunidade litúrgica (*egbé*) e território político-mítico religioso (Id.).

A localização dos terreiros determina não apenas suas características físicas, mas também suas composições simbólicas e insurgentes, refletidas em sua posição geográfica e na relação com a natureza, como cursos d'água e a vegetação desse território negro. Esses elementos representam divindades e entidades, além de influenciarem a presença de plantas e frutos essenciais para práticas rituais. Um exemplo disso é o "mistério das folhas" (Braga, 1988), fundamental nos processos de tratamento espiritual e nas obrigações dedicadas aos orixás e entidades.

A comunidade política, geográfica e simbolicamente operada pelo espaço do terreiro de candomblé desafia a lógica neocapitalista da devastação territorial e do epistemicídio. A forma de organização e a projeção do candomblé na Bahia era um foco de resistência "contra-aculturativa" da população negra numa sociedade que até a metade do século XIX se espelhava preferencialmente nas formas de viver e em ideologias do ocidente, abrindo espaço para a relação entre mito e história presente na memória coletiva e compondo assim as narrativas da ancestralidade afro-brasileira (Braga, 1995). As pressões exercidas sobre as comunidades negras

tornaram seus espaços verdadeiros territórios políticos (Sodré, 1988). Apesar das contínuas tentativas de apagamento, as comunidades de candomblé reconfiguram suas formas de ocupação e ressignificação dos territórios, desafiando a marginalização imposta pelo Estado e pelo capital.

Os desafios enfrentados pelos terreiros, no entanto, não são apenas históricos. O impacto do racismo ambiental, aliado à especulação imobiliária, ao racismo religioso e à degradação dos espaços sagrados, coloca em risco a continuidade dessas práticas.

Frente a essas adversidades, as redes culturais, políticas e religiosas criaram uma consciência ambiental e coletiva em que a terra, os corpos e as paisagens são inseparáveis. Os terreiros de candomblé, através de suas práticas quilombistas, construíram projetos de sociedade baseados na solidariedade e na autonomia, resistindo à "dupla opressão" que atravessa as mulheres negras (Carneiro, 2003). Essas mulheres, denominadas ialorixás, ocupam hereditariamente posição de liderança espiritual na liturgia do candomblé. O testemunho de Mãe Menininha, ialorixá do terreiro do Gantois que substituiu sua tia Maria Pulquéria da Conceição Nazareth, insere-se nesse contexto como um arquivo vivo, que cita outras mulheres negras tão importantes e centrais para a formação e propagação do candomblé na Bahia durante os séculos XIX e XX.

Em sua narrativa, Mãe Menininha cria um tempo-espaço em que sua voz se torna o elo entre a terra (território) e a história. O terreiro, como território ancestral, guarda as memórias e marcas das mulheres negras que o edificaram. Ao cruzarem o Atlântico, essas populações negras estabeleceram assentamentos físicos e espirituais em meio às sociedades escravocratas, transformando seus corpos em territórios de resistência e marcadores geográficos que, apesar das constantes ameaças e violências, persistem até os dias atuais.

Por meio de suas vozes que ecoam na historiografia, as mulheres negras continuam a traçar "cartografias afetivas" (Krenak, 2022), conectando passado e presente através dos terreiros, em um reencontro com suas ancestrais e suas próprias histórias. O pensador e escritor indígena Ailton Krenak define as cartografias afetivas como um mapeamento que transcende as limitações geopolíticas e as convenções cartográficas ocidentais. Para Krenak (2022), a relação das populações tradicionais com seus territórios é muito mais complexa do que a representada pelos mapas convencionais, pois o território não é apenas um espaço físico, mas um vínculo construído por meio da oralidade, em contraste com a fixidez da cartografia tradicional.

O mapeamento traçado na oralidade de Mãe Menininha revela as conexões ancestrais entre as mais importantes ialorixás da história do candomblé. Reconstituir as trajetórias dessas mulheres negras é recuperar uma história que se estende pelas águas do Atlântico, conectando continentes, e pelos rios que atravessam os interiores distantes da Bahia, onde Oxum, orixá de Mãe Menininha, faz sua morada.

Tarde, mas nunca tarde demais para ouvi-la. Então, por todos nós, antes de entrar, *agô*⁵.

Entrevista

Gerard Béhague: Essa é, realmente, uma oportunidade excepcional de documentar a voz, o depoimento, a experiência de uma das pessoas de mais vigência e vivência na estrutura da comunidade baiana, que é Dona Menininha. Dona Menininha, eu me escusarei de dizer o seu nome, ela dirá. Hoje completa 50 anos de ialorixá na sua casa, na casa dos seus ancestrais, aqui na casa que foi de Pulquéria [Maria Pulchéria — lê-se Pulquéria — da Conceição Nazareth], aqui na roça do Gantois. Estão aqui fazendo essa entrevista conosco, Jorge Amado, Zélia Gattai, Pierre Verger e Carybé. Estão aqui fazendo essa entrevista conosco outras pessoas que, no curso dessa conversa, terão os seus nomes requeridos. Eu acho que, normalmente, a voz que será ouvida em toda essa gravação é a voz de Dona Menininha, que vai contar para nós preliminarmente. Dona Menininha, o seu nome, por favor, invista aqui nesse microfone.

Dona Menininha: O meu nome é Maria Escolástica da Conceição Nazareth.

Falante 1: A senhora permite uma indiscrição, esse nome Menininha vem da sua infância? Quem botou esse nome?

Dona Menininha: Minha madrinha Maria Pulquéria da Conceição Nazareth⁶.

Falante 3: A Pulquéria adquiriu a roça [do Gantois]?

Dona Menininha: Quem adquiriu a roça não foi Maria Pulquéria. Foi Maria Júlia [Maria Júlia da Conceição Nazareth⁸], comprada pelo marido dela, e ofereceu para ela. Passou-se aqui muitos anos depois. Com a morte da Maria Júlia, que foi em 1910, a Pulquéria ficou tomando conta da casa, mas aqui a roça sempre se chamou a Serra do Gantois.

Falante 3: Sabe quando foi que a roça foi adquirida por dona Maria Júlia?

Dona Menininha: Eu não sei dizer ao senhor bem quando foi, que foi há muitos anos passados, foi. O filho dela, Jacyntho Marciano Nazareth, quando nasceu, a tia Júlia já tinha essa casa, essa roça que o marido dela fez negócio com o Gantois.

Falante 1: Dona Menininha, a senhora usou a expressão tia Júlia se referindo a tia em termos, vamos dizer, de parentesco pessoal ou...

⁵ No candomblé, "agô" significa "licença" ou "pedido de passagem", usado para solicitar permissão em rituais. Em iorubá (àgò), expressa respeito e reverência espiritual.

⁶ Bahia, 1840-1918. Era tia-avó de Mãe Menininha e filha de Maria Júlia da Conceição Nazareth, que a iniciou no candomblé. Foi a segunda ialorixá do Gantois.

⁷ No candomblé, a "roça" é o espaço sagrado do terreiro, abrangendo áreas naturais essenciais para os assentamentos dos orixás, cerimônias e ritos de iniciação.

⁸ Abeocutá, 1800-Salvador 1910. Fundou o Terreiro do Gantois em 1849. "A história de Mãe Menininha começa do outro lado do Atlântico. Sua bisavó materna, a célebre Maria Júlia da Conceição Nazareth, chegou ao Brasil vinda do sul da Nigéria, uma egba, povo de cultura iorubá. Era natural do povo de Akê, em Abeocutá. Na Bahia, foi a fundadora do terreiro do Gantois e estava com 94 anos quando decidiu o destino de Menininha, na época com apenas oito meses de nascida. Maria Júlia resolveu que havia chegado a hora de Maria Escolástica se iniciar na religião, 'fazer o santo'. Para os praticantes, essa cerimônia é a porta de entrada para que alguém se torne adepto da religião" (Nóbrega; Echeverria, 2006).

Dona Menininha: Não, ela era a minha bisavó.

Falante 1: A Dona Júlia era sua bisavó e foi ialorixá nesta casa.

Dona Menininha: Sim, senhor. Foi ialorixá nesta casa.

Falante 1: Vamos tentar fazer uma genealogia. A primeira ialorixá foi quem?

Dona Menininha: Aqui no Gantois, foi ela a primeira ialorixá.

Falante 3: De onde vem as raízes do Gantois? Antes de ser aqui no Gantois, de onde vem a raiz⁹ da Casa?

Dona Menininha: Ela veio da Barroquinha, era filha de santo da finada Iyá Nassô¹⁰.

Falante 1: Maria Júlia era filha de santo de Iyá Nassô. Ela era sua bisavó.

Dona Menininha: Minha bisavó.

Falante 1: E foi a fundadora do Axé do Gantois. Estou dizendo certo?

Dona Menininha: Está dizendo certo.

Falante 1: Maria Júlia foi substituída aqui?

Dona Menininha: Maria Júlia da Conceição Nazareth.

Falante 1: Foi substituída em 1910?

Dona Menininha: Por Maria Pulquéria da Conceição Nazareth.

Falante 1: Por sua vez também era parenta de Maria Júlia?

Dona Menininha: Era filha de Maria Júlia.

Falante 1: Era filha de Maria Júlia.

Dona Menininha: Sim, senhor.

Falante 1: E tia da senhora.

Dona Menininha: Minha tia em segundo plano.

Falante 3: Uma pergunta, voltando ainda um pouco atrás para estabelecer essa cadeia, essa corrente ainda mais forte. Quer dizer, Maria Júlia era filha de santo com Iyá Nassô, na Barroquinha?

Dona Menininha: Na Barroquinha.

Falante 3: Quer dizer, ela foi do Engenho Velho¹¹ [Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho].

Dona Menininha: Iyá Nassô da Barroquinha.

Falante 3: Qual é a ligação do Engenho Velho com o Gantois? Por que é que se diz que o Gantois veio do Engenho Velho?

Dona Menininha: Absolutamente.

Falante 3: Isso é ótimo que se esclareça aqui.

Dona Menininha: O Gantois saiu da Barroquinha. Os senhores querem ouvir a história? Eu vou contar como ouvi na boca de Maria Júlia e de Maria Pulquéria da Conceição Nazareth. Maria Júlia da Conceição Nazareth, esposa de

⁹ No candomblé, a "raiz do axé" indica a linhagem espiritual de um terreiro, ligando-o à sua casa-mãe e garantindo a preservação dos ritos e fundamentos religiosos.

¹⁰ Iyá Nassô é reconhecida como fundadora do candomblé no Brasil e ligada à criação do Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador. De origem nagô, sua atuação foi essencial para consolidar ritos e a transmissão do conhecimento religioso. O Ilê Axé Iyá Nassô influenciou terreiros como o Gantois e o São Pedro, fortalecendo a preservação do candomblé.

¹¹ O Terreiro da Casa Branca do Engenho Velho, em Salvador, é um dos mais antigos do Brasil e berço do candomblé ketu, preservando tradições africanas e fortalecendo a resistência cultural e religiosa afro-brasileira.

Francisco Nazareth de Etá¹². A minha bisavó, Maria Júlia, fez o santo na Barroquinha. Ela teve dois filhos mais velhos: Herculano e Cassiano. O Cassiano fez o santo na Barroquinha, depois fez na Barroquinha a Pulquéria, depois fez na Barroquinha a Maria Inês. Cassiano, Herculano e Maria Inês eram filhos de Maria Júlia da Conceição Nazareth. Maria Júlia veio para a casa dela, que o marido dela não queria saber de candomblé, ele era um negro de olho de marfim, mas não queria saber dessas coisas. Mas, quando ele viu a verdade dos santos, deu o consentimento à mulher fazer o santo, que foi a minha bisavó. A Mãe de Santo da Barroquinha chamava-se Felicidade... Elas, naquele tempo, tinham mistério, não queriam morrer no Brasil. Disseram que cada qual fosse buscar o seu santo, porque ela tinha que fazer uma viagem longa. Nessa viagem, ela foi para a África. Lá ela faleceu. Ficou aqui no Brasil o pai de santo, chamava-se Babá. Vocês estão ouvindo bem?

Falante 3: Eu estou ouvindo.

Dona Menininha: Os santos foram ali no Moinho, você não sabe onde é o Moinho, ali na Mata Escura?

Falante 1: Estamos fixando o Sítio do Moinho, é exatamente no fim do Dique, onde nasce o Rio Lucaia.

Dona Menininha: Sim, senhor. Ali ficaram todo mundo que tinha santo, porém Maria Júlia da Conceição Nazareth, que era minha avó, já estava com o santo dela e do irmão entregue pela tia Felicidade. Portanto, ela não saiu do Engenho Velho.

Falante 3: É verdade.

Falante 1: Veio, portanto, direto...

Dona Menininha: Da Barroquinha.

Falante 1: Da Barroquinha para o Gantois.

Dona Menininha: Para o Gantois. Sim, senhor.

Falante 1: De Maria Júlia para Pulquéria.

Dona Menininha: Sim, senhor.

Falante 1: E de Pulquéria para a Dona Menininha, que hoje completa o seu cinquentenário de ialorixá.

Dona Menininha: É verdade.

Falante 1: Se eu lhe perguntasse memórias pessoais, a senhora se lembra de Maria Júlia? Contaria alguns episódios pessoais de lembranças de Maria Júlia?

Dona Menininha: Da minha bisavó? Conto sim, senhor. Ela era alta, forte, tinha os sinais da terra dela, da terra de Obá, que ela nasceu na Nigéria, mas naquele tempo chamava-se Arakê. Todo mundo diz que o Gantois saiu do Engenho Velho, não pode dizer mais, não. Não saiu. O Gantois saiu da Barroquinha, isto eu dou até a vida e provo. Vem da Barroquinha, porque antes de aparecer o Engenho Velho, ficou a aparecer depois que a mãe de santo da Barroquinha faleceu. Ouviu? A minha avó já estava com os orixás dela, o Axé dela na mão. Portanto, não saiu do Engenho Velho. Todos dizem, eu já li, mas isso é da vida, deixa passar. Deus lhe dê muitos anos de vida e saúde por procurar saber isso hoje, que eu tinha muita vontade de dizer isso antes de morrer.

¹² Região localizada no antigo Daomé.

Falante 3: Muito bem.

Falante 1: Depoimento da maior importância, não somente do ponto de vista de culto, mas, fundamentalmente, também do ponto de vista etnográfico, histórico, para o esclarecimento, em suma, da comunidade baiana. Mas o microfone vai voltar a Carybé, que vai fazer a pergunta que ele achar que deva fazer nessa informal conversa com Dona Menininha.

Carybé: O axé [do Gantois] saiu de Engenho Velho.

Dona Menininha: Saiu. Explico ao senhor como. A Barroquinha, quando terminou, foram para o Moinho três senhoras. Uma chamava-se Maria Helena, a outra era a avó de Senhora [Maria Bibiana do Espírito Santo¹³], tia Martalina, e uma outra senhora que eu não estou bem lembrada o nome. A dona Maria Júlia Figueiredo não era filha da tia da Barroquinha, era filha adotiva. A tia, quando veio da África, depois mandou buscar Maria Júlia, mas não era a filha dela. A tia foi embora e Maria Júlia não era feita de santo. Isso eu digo ao senhor, provo perante a Deus e a Oxóssi. O tio, que chamava-se Adotá, era Ketu. Está ouvindo o senhor? Ele não tinha ali a mãe de santo que resolvesse as coisas, quem resolvia as obrigações da casa do Moinho era o tio Bandokê, mas o santo descobriu que precisava de uma *iyá*. Tinha Maria Júlia, ela ficava ali ajudando, mas ela não era a d'Oxum. Está me compreendendo? Ela não era d'Oxum. Papai Adotá disse: "Cadê Maria Júlia?", "Com minha tia Pulquéria. Está na fonte lavando", ela [Dindinha] respondeu. Ele virou-se e disse: "Ela está lavando? Eu quero ela aqui agora". Saiu pelo fundo da casa, foi procurar a dona Maria Júlia onde estivesse, porque sabia que o tio não era "sopa". Ele era de Ketu e o senhor sabe, o Axé de Ketu é muito forte. Ela, com medo de que ele não fizesse uma coisa contra tia Maria Júlia, foi procurar ela e encontrou, justamente, numa casa, nas campinas, ela lá na casa. Dindinha disse a ela: "Você vai agora comigo, que papai está lhe procurando e você sabe que as palavras de papai não é brincado". Ela veio. Quando ela veio, ficou embaixo da fonte. Vai o meu pai¹⁴ e pergunta: "Odé?!" Assim ele chamava Dindinha, porque ela era de Odé. A palavra Odé, o senhor sabe que é caçador, é Oxóssi. "Odé, cadê Maria Júlia?" Ela disse: "Ela está na fonte, meu pai", "Então chama ela". Quando ela subiu, ele disse: "Você dê ótima bênção para Odé, porque senão você ia ver uma coisa". Tem uma parte aí que eu posso falar?

Falante 3: Pode.

Falante 1: Pode falar inteiramente.

Dona Menininha: Ela não era feita. A Maria Júlia não era feita. O que vai lhe acontecer, eu estou dizendo a verdade, ela não era feita. Então, ele disse: "Você, agora para poder tomar conta, tem que fazer", e ela recolheu para fazer o santo. Quem fez o santo dela foram as tias mais antigas, junto com a avó de Senhora, tia Martalina, essa já era feita. Ela fez o santo. Fez o santo para poder receber o cargo

¹³ Maria Bibiana do Espírito Santo, ou Mãe Senhora, foi a segunda ialorixá do Ilê Axé Iyá Nassô (Casa Branca do Engenho Velho), um dos mais antigos terreiros do Brasil. Sua liderança foi essencial para fortalecer a tradição nagô na Bahia e assegurar a continuidade dos ritos religiosos.

¹⁴ O termo "pai" refere-se à hierarquia nas funções do candomblé e pode designar um pai de santo ou babalorixá, liderança responsável pelos ritos e pela transmissão do conhecimento religioso dentro do terreiro.

de mãe de santo do Engenho Velho. Ela foi tirada como a mãe de santo que o finado tio Adotá e o tio Bandokê deram a ela. Ela ficou ali. Depois, não sei por que, ela queria ter a voz mais ativa do que a tia Martalina, houve uma contrariedade, ela retirou-se e foi morar na rua do capitão, na rua Rui Barbosa. Lá ela fez o santo de tia Aninha e de outras mais. A minha avó já tinha essa casa aqui.

Falante 3: Sua avó que se chamava?

Dona Menininha: Maria Júlia da Conceição Nazareth.

Falante 3: São duas Maria Júlia diferentes?

Dona Menininha: A de lá era Maria Júlia Figueiredo.

Falante 3: É necessário esclarecer que trata de duas Maria Júlia.

Dona Menininha: Duas Maria Júlia.

Falante 3: A que foi a sua mãe de santo, que lhe fez o santo e que cujo marido comprou a roça do Gantois.

Dona Menininha: Isso.

Falante 3: E a outra Maria Júlia, que só fez o santo muito depois, e que foi ser mãe de santo.

Dona Menininha: Dindinha. Tia Martalina.

Falante 3: Martalina, avó de Senhora.

Dona Menininha: Avó de senhora.

Falante 3: Martalina essa, que fez o santo de Aninha, depois primeira mãe de santo.

Falante 1: A senhora poderia, digamos, nos dar razões de cabimento dela?

Dona Menininha: Porque ela era de Oxum e eu também e a bisavó dela, tia Martalina, era como antigamente chamava "loga de minha avó".

Carybé: Como era a expressão?

Dona Menininha: Minha *loga*.

Falante 1: Minha *loga*.

Dona Menininha: Eram companheiras. Porque a minha avó, junto com a tia Martalina, sempre estavam no Engenho Velho, porém minha avó já tinha ido para o Gantois. Vovó não saía do Engenho Velho.

Carybé: Quando morreu a Aninha, o Axé ficou um tempo sem mãe de santo, não foi? Outro dia a senhora aqui para nós falou sobre esse assunto, sobre a sucessão de Aninha, você lembra?

Dona Menininha: Lembro.

Carybé: Seria interessante, porque é uma coisa muito discutida, como se passou depois que Aninha faleceu, até que a senhora veio, realmente, assumir na plenitude dos seus poderes o posto de ialorixá. Seria interessante que a senhora falasse também sobre isso, contasse aquelas coisas que nos contou outro dia.

Dona Menininha: Quando tia Aninha morreu, eu com essa confusão de mãe, de pai, quem fica, quem não fica. Quem ficou lá em cima ajudando o trabalho foi a finada Mariquinha Abada e tia Fortunata. Isso, pelo menos, era o que eu ouvia o pessoal falar.

Carybé: É verdade que ficaram ajudadas pelo professor Marquinho e Ana Eliseu do Bonfim?

Dona Menininha: É verdade sim, senhor. É verdade. Mas depois, por morte de Fortunata, depois de, creio que de Maria Abada, e depois de tia

Martalina. Tiveram que botar a Senhora e ela recebeu. Mas se ela recebeu estava bem, porque a tia Martalina era avó de Senhora. Era avó mesmo, não era conversa não. Era avó, e Senhora era menina e eu menina, ela na casa que é minha e eu na casa da minha avó. Quando ela fez o santo, ela e a irmã... a irmã chamava Felipa, era de Xangô, era até do santo de tia Aninha. Eu me lembro bem de tudo que eu vi mesmo, pois não tinha o que ver. Minha avó morava na rua do Tabuleiro e tia Aninha morava na Aldeia da Praça. Eu nasci em 1894, num dia de sábado às 2 horas da tarde [ri]. Os meus padrinhos foram Pulquéria, que era minha tia, e Jacyntho Marciano Nazareth, que era meu tio também. O senhor quer que eu diga por que me chamam Menininha? É um segredo, mas vou revelar. Minha mãe apareceu de neném, mas com vergonha da minha tia, pois não queria que a minha tia soubesse que ela estava de neném. Isso minha tia me contou e minha mãe também. Ela disse: "Bom, essa menina, quando nascer, eu vou enrolar nuns panos velhos e vou entregar ao pai dela, que eu não vou criar filho sem pai". Acontece que minha tia Pulquéria sonhou com uma menina, que pegava junto dela e dizia: "Minha tia!". E minha tia respondia: "Quem é você?". "Eu sou sua sobrinha e sua afilhada". Ela, então, perguntava: "Filha de quem?". "De Pequena, sou a filha dela que vai nascer". Minha mãe chamava-se Pequena. Minha tia perguntou novamente "Quem é você?", no que a menina respondeu: "Eu sou Menininha". É o motivo de todo mundo me chamar de Menininha.

Falante 1: Já foi chamada antes de nascer.

Dona Menininha: Antes de nascer [ri].

Falante 1: Mas o microfone continua seu. E a sua infância? Eu queria que nesse documentário a senhora, realmente, guardasse para todos o mais que a senhora pudesse contar.

Dona Menininha: Eu nasci em 1894, como já disse ao senhor. Num dia de sábado às 2 horas da tarde, pelo menos foi o que me contaram. Fui criada na rua da Assembleia, número 12. Com três anos passei para a Ladeira da Misericórdia, assim eu lembro, que ali onde hoje em dia é a biblioteca e tem um pedacinho de rua. Pois bem, ali tinham três casas, uma de um senhor chamado Benvindo, que era alfaiate, uma de uma senhora, chamava Amália de Cachoeira, e a de minha avó, logo no princípio da Ladeira da Misericórdia. Ali eu me criei, bem tranquilo. Dali minha tia me botou na escola. Eu fiz o santo com 8 meses. A minha irmã de barco era uma filha de Xangô, chamava-se Vitória, o nome de santo dela era Iradeí, era Lairá, viu, senhor Jorge [Amado]? Eu fiz o santo com 8 meses. Eu nasci em fevereiro e entrei para o santo no dia 4 de outubro. Quando Senhora fez o santo, ela era menina, eu também. Tia Aninha morava na Aldeia da Praça e nós morávamos naquela travessa que chamavam Rua do Saboeiro. Ali minha avó morava. Conhecia minha tia Aninha, muito mesmo. Ela era alta, vistosa, bonitona, e vivia feliz assim.

Ali dentro do axé eu recebi um posto, dado pela minha tia e minha avó, e um nome. A minha avó me chamava de Ayabá Odé, e eu era somente quem pegava no Axé de Oxóssi, porque na lei de Ketu Oxóssi é muito cismado, ele não gosta de qualquer pessoa, e só quem pegava nas vasilhas dele para fazer obrigação era eu. Então, a minha tia Pulquéria, quando vovó morreu, na missa de ano de vovó, ela me deu um posto, um nome. Me botou o nome de Omã Lará. De forma que todos

aqui no Gantois, as mais velhas, me conhecem por Omã Lará. Quero dizer que eu era filha íntima de Oxóssi, Omã Lará era o meu nome, era o meu posto. Tia Aninha sabia, Senhora também sabia. Daí eu fui vendo todos os trabalhos que faziam na casa, e elas mesmas me chamavam, me botavam no quarto junto com elas para eu ir assistindo. A primeira Filha Pequena que eu tive no Gantois era a filha de Yansã, nisso eu tinha uns 5 a 6 anos. Tia Amália entrou para o Santo com a mãe de João Cavalcante, aquele lá do Rio, ela chamava-se Maria Espigueira, era de Yansã. A Amália também era de Yansã. Mas como eu era a mãe pequena de Amália, que na hora da obrigação ia carregada pela minha Ojubonã, que é a Mãe Pequena, me levava até a iaô, que era minha Filha Pequena. Isso tudo eu tenho lembrança como estou te vendo agora. Lembro que eu estava dormindo, minha Mãe Pequena me acordou. Disse: "Acorde, descanse e vamos lá dentro, que minha mãe está chamando". Assim mesmo foi. Eu descansei, ela me carregou e me levou. Ela me levou carregada [ri]. Dali em diante fui ajudando naquilo que era possível. É o motivo de eu me desenvolver no candomblé, porque desde que me entendi foi dentro do Gantois, trabalhando no chão.

Carybé: Em que ano a senhora foi escolhida mãe de santo?

Dona Menininha: 18 de fevereiro, em 1922. Fui escolhida como a ialorixá daqui do Gantois.

Carybé: Foi Mãe Pequena¹⁵ antes?

Dona Menininha: Fui Mãe Pequena antes. Eu tive várias Filhas Pequenas aqui no cargo.

Jorge Amado: Maria Júlia, Pulquéria e depois Mãe Menininha, não é? Pulquéria morreu em que ano?

Dona Menininha: Acho que ela morreu em 1918 ou 1917 [morreu em 1918].

Jorge Amado: Quer dizer que houve um período de 4 anos, mais ou menos, sem mãe de santo ainda.

Dona Menininha: Levou, desde que ela faleceu, até quando eu tomei conta da casa.

Jorge Amado: Quem dirigiu a casa nesse período?

Dona Menininha: O meu tio Jacyntho. Jacyntho Marciano Nazareth, que é meu tio, era irmão de Pulquéria, foi quem dirigiu aqui.

Jorge Amado: Mas a sua escolha foi pacífica, não houve nenhuma discussão, nada daquilo que se chama Guerra de Santos, né?

Dona Menininha: Nada, não houve guerra nenhuma. Por quê? Quem me deu foi Oxóssi, quem me deu foi Xangô, Oxum e Obaluaê. As que estavam escolhidas para serem a mãe de santo quando viram isso... Eu mesma escutei uma dizer assim: "Nada feito".

Pierre Verger: A senhora pode nos falar um pouquinho de Martiniano do Bonfim?

Dona Menininha: O senhor Martiniano eu conheço desde a minha infância. Não conheci o pai dele, mas conheci muito a mãe dele, chamava-se

¹⁵ No candomblé, a Mãe Pequena (Iyakekerê) é a segunda na hierarquia, auxiliando nos ritos, no cuidado com os filhos de santo e na administração do terreiro, sendo frequentemente sucessora da Ialorixá.

¹⁶ No candomblé, Obará é um odu no jogo de búzios, ligado à prosperidade, aprendizado e desafios.

Ângela. O pai dele, que eu me lembre, foi um grande Ojó, chamava-se Araújo. Morou muitos anos na Lapinha, filho do Axé. Ele não só jogava o Obará¹⁶, como também jogava o Ifá¹⁷.

Falante 1: Ele estudou em Lagos, né?

Dona Menininha: Estudou. Estudou em Lagos. Falava muito bem em iorubá e outras línguas também, como teve a ocasião de eu o ver traduzindo o japonês. Era muito amigo nosso, muito mesmo.

Zélia Gattai: Mãe Menininha, eu gostaria de saber se esses 50 anos que a senhora exerceu o seu papel de mãe de santo, se o seu candomblé sempre pôde ser exercido em paz ou se houve perseguições, não só contra os seus, mas contra todos os candomblés na Bahia?

Dona Menininha: Houve perseguições. Teve o doutor Pedro Gordilho¹⁸. Houve perseguição.

Falante 1: A senhora teve problemas aqui nessa Casa do Gantois?

Dona Menininha: Não.

Falante 1: Eu estou fazendo essa pergunta porque hoje à tarde a senhora terá a presença, a visita, das maiores autoridades do estado, como o governador da Bahia e o prefeito de Salvador. Houve um tempo em que antecessores dessas mesmas autoridades, por força de lei, não tinham o candomblé com os olhos que têm hoje. Eu pergunto: a sua casa foi alguma vez objeto de impedimento, perseguição, alguma coisa assim?

Dona Menininha: Quando o doutor Pedro Gordilho começou a perseguir todos os candomblés, a minha tia Pulquéria era viva. Ela mandou parar.

Falante 1: Ah, durante o período em que o doutor Pedro Gordilho foi chefe de polícia, a Casa do Gantois não bateu¹⁹?

Dona Menininha: Não, senhor. Fazia todas as obrigações.

Falante 3: Mas não fazia festa pública?

Dona Menininha: Não, senhor.

Entrevistador: Perseguiu muito o Procópio, não é?

Dona Menininha: Procópio, coitado, ele perseguia. Isso era uma coisa sabida por todo mundo e foi o que mais anojentou o povo do candomblé. Ele perseguiu Procópio, todo mundo. Todo mundo, ninguém quis mais saber de candomblé. Ele perseguia alegando o quê? Por que perseguia? Porque não queria o candomblé.

Falante 3: Sem nenhum motivo?

Dona Menininha: Nenhum motivo. Tivesse ou não batendo, ele ia. Ele foi um delegado aqui na Bahia, que ele fez e aconteceu. Isso é sabido por várias pessoas.

¹⁸ Pedro de Azevedo Gordilho, ou Pedrito Gordilho, foi delegado em Salvador nos anos 1920, conhecido por reprimir o candomblé e a capoeira. Sua perseguição inspirou o personagem Pedrito Gordo em Tenda dos Milagres, de Jorge Amado.

¹⁹ O termo "bateu" refere-se ao som dos atabaques durante as festas dedicadas aos orixás e entidades no candomblé.

Considerações Finais

A entrevista de Mãe Menininha fornece marcadores ancestrais da produção do espaço. Sua narrativa configura uma geografia religiosa afro-diaspórica, traçando os caminhos da presença negra e candomblecista na cidade. Além disso, evidencia como as narrativas orais funcionam como tecnologias de mapeamento, essenciais para preservar a memória coletiva em um contexto de perseguição histórica ao candomblé.

O relato de Mãe Menininha também demonstra como as cosmologias negras operam como formas de resistência, sobretudo frente à criminalização das religiões de matriz africana. As mulheres negras, especialmente as ialorixás, desempenham um papel central nesse processo, pois são guardiãs de conhecimentos ancestrais sobre a terra e a espiritualidade. Essa compreensão de território transcende as delimitações geográficas convencionais e se ancora na memória coletiva, na oralidade e na insurgência das comunidades tradicionais.

Suas palavras recuperam acontecimentos, vínculos sanguíneos, histórias de líderes pioneiras do candomblé e até registros de perseguição policial, demonstrando que a oralidade e as práticas religiosas afro-brasileiras são tecnologias de resistência. Nesse sentido, sua narrativa se alinha ao conceito de cartografia afetiva, proposto por Ailton Krenak, ao mapear espaços não apenas pela localização física, mas pela vivência, pela ancestralidade e pelos afetos que os constituem. O próprio conceito de "assentamento", central nos terreiros, reforça essa dimensão de territorialização simbólica e espiritual.

As descrições de Mãe Menininha revelam como, ao longo das gerações, as ialorixás articularam cultura e política negra por meio de seus corpos, de seus terreiros e dos assentamentos sagrados dos orixás, representados por pequenas casas dentro dos terreiros e pelas árvores sagradas. Outro símbolo dessa territorialização é o alicerce da casa, onde são depositados elementos como água dos axés, penas, moedas, água benta, flores, entre outros materiais (Carneiro, 1977). No candomblé, o ritual de "assentar" uma divindade é uma forma de demarcação territorial e espiritual, conferindo identidade e força ao espaço.

A noção de "anterioridade", proposta por Jurema Werneck, ressoa nos relatos de Mãe Menininha, ao evidenciar que a história e a organização espacial das populações negras e indígenas desafiam a cartografia utilitarista europeia, voltada para a dominação dos espaços e baseada em fundamentos coloniais. A entrevista de Mãe Menininha reafirma essa anterioridade ao mostrar que os terreiros são mais do que territórios situados na cartografia ocidental. Os terreiros, na dimensão afro-diaspórica da ocupação material e simbólica dos territórios rurais, florestais e urbanos, são centros de resistência política e cultural, espaços de transmissão de saberes ancestrais e de articulação da cultura negra.

A entrevista nos permite refletir sobre o papel das mulheres negras na construção de políticas feministas antirracistas, baseadas no conhecimento ancestral e na luta pela preservação territorial. Seus relatos desenham um mapeamento afetivo de Salvador, conectando diferentes espaços por meio da culturalidade e religiosidade negra. O conceito de assentamento dos orixás,

entendido como uma tecnologia tradicional de ocupação e resiliência, transforma os terreiros em espaços de formação política e cultural, reafirmando a relação indissociável entre corpo, território e memória.

A publicação desta entrevista no dossiê "Metodologias Emancipatórias: Produção de Conhecimento e Formação Popular em Comunidades Negras" fortalece seu impacto ao inseri-la em um contexto de construção coletiva do saber. Seu relato não apenas preserva a memória histórica e espiritual do candomblé, mas também contribui para a formação popular de comunidades negras e candomblecistas, oferecendo ferramentas para compreender a centralidade dos terreiros na resistência política e na transmissão de conhecimentos ancestrais. Dessa forma, a entrevista de Mãe Menininha reafirma o candomblé como um espaço de educação e emancipação, no qual a oralidade se mantém como uma tecnologia de ensino, memória e pertencimento, essencial para a continuidade das tradições afro-brasileiras.

A publicação desta entrevista contribui significativamente para os estudos afro-diaspóricos, fornecendo novas camadas de leitura sobre a presença negra no Brasil e a resistência das religiões de matriz africana. Mais do que um testemunho histórico, sua fala reafirma o poder das cartografias afetivas e das memórias ancestrais como formas de existência e permanência dos povos negros no território.

Referências

BÉHAGUE, G. Entrevista Menininha, 50 anos de mãe de santo: entrevista com a ialorixá Mãe Menininha do Gantois. 1972. **Reel-to-reel audio tape** n. 23, box 3. Gerard Béhague Collection, Benson Latin American Collection, Rare Books and Manuscripts, University of Texas at Austin, Austin, TX.

CARNEIRO, E. Candomblés da Bahia. São Paulo: Civilização Brasileira, 1977.

CARNEIRO, S. Mulheres em movimento. In: **Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, p. 117-132, 2003.

BRAGA, J. **Na gamela do feitiço**: repressão e resistência nos candomblés da Bahia. Salvador: EDUFBA, 1995.

BRAGA, J. **O jogo de búzios**: um estudo da adivinhação no candomblé. São Paulo: Editora Brasiliense, 1988.

KRENAK, A. **Futuro ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

NASCIMENTO, B. O conceito de quilombo e a resistência cultural negra. In: RATTIS, Alex (Org.). **Uma história feita por mãos negras**: relações raciais, quilombos e movimentos. Rio de Janeiro: Zahar, 2021. p. 41-49.

NÓBREGA, C.; ECHEVERRIA, R. **Mãe Menininha do Gantois**: uma biografia. Salvador: Corrupio; Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

SODRÉ, M. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Petrópolis: Vozes, 1988.

VERGER, P. **Orixás**: deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Salvador: Corrupio, 1997.

WERNECK, J. Of Ialodês and Feminists: Reflections on Black Women's Political Action in Latin America and the Caribbean. **Cultural dynamics**, Londres, v. 19, n. 1, p. 99-113, mar. 2007.